A VOCAÇÃO DE MATEUS

• Pe. Antônio Ferreira, cmf •

texto apresenta o relato da vocação de Mateus e mostra como Jesus conviveu com pessoas marginalizadas e excluídas da sociedade. Essa parte da narrativa do Evangelho pretende mostrar Jesus praticando o que acabara de ensinar. No Sermão da Montanha, Ele falou da acolhida; agora, Ele mesmo a pratica: acolhe leprosos (cf. Mt 8,1-4), estrangeiros (cf. Mt 8,5-13), mulheres (cf. Mt 8,14-15), doentes (cf. Mt 8,16-17), endemoninhados (cf. Mt 8,28-34), paralíticos (cf. Mt 9,1-8), publicanos (cf. Mt 9,9-13), impuros (cf. Mt 9,20-22) etc. Rompe com o que excluía e afastava as pessoas – o medo e a falta de fé (cf. Mt 8,23-27), as leis da pureza (cf. Mt 9,14-17) – e fala das exigências: quem quiser segui-lo tem que deixar muitas coisas (cf. Mt 8,18-22). A prática de Jesus mostra em que consiste o Reino e o cumprimento perfeito da Lei.

O relato da vocação de Mateus (cf. Mt 9,9) tem semelhanças com a do chamado dos primeiros discípulos, quatro pescadores, todos judeus (Mt 4,18-22). Nesse novo relato, no entanto, há dois detalhes significativos: em primeiro lugar, é um tanto estranho o fato de Jesus chamar um cobrador de impostos para fazer parte do grupo de seus discípulos, pois os cobradores de impostos eram considerados pelos judeus como ladrões e colaboradores de Roma e como tais eram excluídos da vida social e da religiosa. Em segundo lugar, o evangelista dá ao novo discípulo o nome de Mateus (em Marcos: Levi, filho de Alfeu; em Lucas: Levi), fato que deu origem à tradição de atribuir o primeiro Evangelho a esse discípulo de Jesus. Mateus significa "dom de Deus" ou "dado por Deus". Os cristãos, em vez de excluírem o publicano como impuro, devem considerá-lo um dom de Deus, pois permite que seja um sinal de salvação para todos os homens. Assim como os quatro primeiros, o publicano Mateus também deixa tudo o que tem. Seguir Jesus requer uma ruptura: Mateus deixou a coletoria de impostos, sua fonte de renda, e foi com Jesus.

A polêmica em Mateus 9,10-13 deve ser entendida a partir do significado que as refeições tinham no tempo de Jesus. O judaísmo tinha regras precisas sobre o tipo de comida que se podia comer, os lugares e as pessoas com quem se podia compartilhar. Todas essas práticas, que vigoravam no tempo de Jesus, serviam para saber quem estava dentro e quem estava fora de um grupo e para dar coesão e unidade a quem praticava as mesmas regras alimentares e seguia os mesmos costumes à mesa. Essa é a razão pela qual o comportamento de Jesus e de seus discípulos é tão marcante aos olhos dos fariseus e dos discípulos de João.

Em qualquer cultura, sentar-se à mesa juntos é um sinal de comunhão

Mateus, simplesmente, diz que "Jesus estava sentado à mesa em casa", dando a entender que era a casa de Jesus, a casa onde Ele morava, desde que deixara Nazaré e fora morar em Cafarnaum (cf. Mt 4,13), portanto, segundo Mateus, é o próprio Jesus quem hospeda em sua casa publicanos e pecadores, como que antecipando o banquete messiânico da salvação oferecido a todos. Jesus, ao praticar uma comensalidade aberta, quebrou as linhas divisórias e questionou o sistema estabelecido. A frequência com que se sentava à mesa de cobradores de impostos e pescadores lhe valera fama de glutão e beberrão, amigo de cobradores de impostos e pecadores (cf. Mt 11,19), porém, na prática de Jesus essas refeições expressavam a misericórdia e a proximidade de Deus para com os mais distantes. Mateus introduz aqui a citação de Oséas 6,6 para apontar que os gestos concretos de misericórdia valem mais aos olhos de Deus do que a adoração vazia. É por isso que a

